

bastante inferior ao que existia em 1.º de junho de 1962, quando era quase o dôbro em relação a 1.º de junho de 1963.

De junho de 1963 a fevereiro de 1964 foram exportadas 332 082 toneladas e dadas ao consumo 2 234 130, enquanto no mesmo período de 1962-63, êsses itens correspondiam a 555 266 e 2 215 334 toneladas, respectivamente. Assim, verifica-se que enquanto a exportação diminuía 40,2%, o consumo aparente aumentava 0,8%. Os estoques resultantes de tal conjuntura, ou seja, os existentes no final dos meses de fevereiro de 1964 e de 1963 foram, nessa ordem, de 644 530 e 786 955 toneladas, decrescendo, portanto, em 18,1%.

Expressa em unidade diferente, isto é, em sacos de 60 quilos, a produção nacional totalizou, no período considerado, na safra 1963-64, 48 303 982 sacos, contra 49 152 640 na safra 1962-63 e 52 624 987 na safra 1961-62. Os principais produtores são os estados de São Paulo, com 23 318 604 sacos (contra 24 011 956 em 1962-63), Pernambuco, com 9 306 635 (contra 9 147 474), Rio de Janeiro, com 5 420 819 sacos (contra 6 546 939) e Alagoas, com 3 880 901 sacos (contra 3 345 714).

Deve-se assinalar a diminuição da produção e da exportação, o aumento

relativamente pequeno do consumo (inferior à taxa de crescimento demográfico) e a diminuição das disponibilidades. Isso explica tanto a escassez de suprimentos, que se verifica temporariamente, quanto a diminuição da exportação, deixando de proporcionar divisas ao país em um momento em que o mercado internacional se mostra extremamente favorável, com a ocorrência de alta excepcional dos preços do produto.

Tal situação evidencia a necessidade de se ampliar a cultura da cana-de-açúcar e o aumento da capacidade do parque industrial açucareiro. Há planos de expansão, há o interesse de numerosas empresas, mas o tempo urge na solução do problema. Estamos, de um lado, ameaçados de uma escassez permanente de açúcar para o mercado interno, se não fôr acelerado o aumento da produção, além de estarmos deixando de ganhar divisas preciosas para o país, que delas necessita para os planos de desenvolvimento econômico. Sem uma ação enérgica por parte das autoridades responsáveis, corremos o risco de nos tornarmos importadores de açúcar, como já aconteceu com outros produtos agrícolas ou agroindustriais, que podem no entanto ser produzidos no país em quantidades suficientes para o seu abastecimento.

País produz 2 bilhões de mangas

A produção nacional de mangas eleva-se a mais de 1 bilhão e 900 milhões de frutos por ano. O valor do produto é de quase 4 bilhões de cruzeiros. Quanto à área, existem 39 283 hectares cultivados.

O maior produtor de mangas é Minas Gerais. Sua colheita, em 1962, elevou-se a 377 672 000 unidades. Em segundo lugar aparece o Ceará, com

241 120 000 frutos e em terceiro a Paraíba, com 198 551 000.

Ainda com produção elevada figuram os estados do Maranhão — 174 321 mil; Goiás, 129 590 mil; Pernambuco, 120 483 mil; Bahia, 109 053 mil e o Piauí, 106 340 mil. Os demais estados e territórios aparecem com quantidades inferiores a 82 milhões de unidades.

Cotonicultura paulista

A safra paulista de algodão em caroço, em 1962 atingiu a casa das 712 712 toneladas representando 47,5 milhões de arrôbas. Segundo a Divisão

de Economia Rural e a Divisão de Fiscalização e Classificação de Produtos Agrícolas da Secretaria da Agricultura do Estado, êsses dados correspondem ao

maior volume de algodão produzido no estado bandeirante, no último decênio (1953/62), porquanto índices mais expressivos somente foram registrados no quinquênio 1940/44, quando a produção média observada se situou em torno de 1 057 218 toneladas, correspondentes a 70,5 milhões de arrôbas. Adicionando-se ao total de 1962 a parcela de 59 739 toneladas procedente de outros estados, a quantidade de algodão em caroço recebida pelas usinas paulistas de beneficiamento passou a ser de 772 451 toneladas. Verificou-se, desse modo, um acréscimo de 206 172 toneladas (36,40%) em relação a 1961.

Analisando-se as cinco últimas colheitas de algodão paulista, observou-se que houve melhor rendimento agrícola nas de 1960 e 1962 (cerca de 170 arrôbas por alqueire) uma vez que a safra de 1961 foi grandemente afetada pelas péssimas condições climatológicas. Relativamente ao quinquênio 1940/1944, considerado período áureo da cotonicultura paulista, quando o rendi-

mento médio observado foi da ordem de 127,9 arrôbas por alqueire, as últimas safras apresentaram rendimentos mais expressivos, graças à adoção de modernas práticas agronômicas, como o plantio de sementes em processo de seleção contínua, inclusive tratadas com sistêmicos (sementes pretas), adubações, maior eficiência no combate às pragas e moléstias, etc. Em 1952, para uma produção de 963 740 toneladas, maior portanto que a de 1962 e inferior à de 1944, foram necessários 550 mil alqueires. O rendimento, contudo, resultou inexpressivo: apenas 116,8 arrôbas por unidade de área.

O incremento da produtividade da cotonicultura paulista, conquanto apresente acentuadas melhoras, fica ainda muito aquém do experimentado por países como os Estados Unidos, México, El Salvador, Guatemala. Os rendimentos agrícolas da safra 1961/1962 dos aludidos países foram, respectivamente, de 219, 214, 310 e 356 arrôbas por alqueire. (IBGE).

Indústria farmacêutica

O valor estimado das vendas da indústria farmacêutica brasileira é de 60 bilhões de cruzeiros para 1962 — de acordo com o que divulga o IBGE. A análise dos valores em dólares, correspondentes ao último decênio, permite verificar que os 115,4 milhões de dólares, vendidos no primeiro ano do período, decresceram até atingir os 100,0 milhões, que é o esperado para o ano passado. Em cruzeiros, porém, os totais semelhantes vêm crescendo nos últimos dez anos, embora sem acompanhar a desvalorização da moeda. O volume de vendas em cruzeiros fixou-se em 5 bilhões em 1953 e vêm crescendo sempre a partir de então, até alcançar o valor assinalado para 1962.

A indústria farmacêutica já atende praticamente à demanda do mercado interno nacional, ficando ao nível percentual de 97%. Ao mesmo tempo, esse ramo de indústria se torna independente das necessidades exteriores. Assinalando-se que os dados disponíveis a respeito se referem ao ano de 1959, nota-se que a importação de medica-

mentos acabados, à exceção do ano de 1957, vem decrescendo expressivamente, pelo menos a partir de 1955: neste primeiro ano do período, a importação ficou na casa de 1,6 milhão de dólares, descendo a 1,2 milhão no ano seguinte, para crescer a 1,7 milhão em 1957; nos dois anos seguintes, entretanto, a queda foi por demais acentuada, estabelecendo-se o total referido, respectivamente, em 0,9 e 0,4 milhão de dólares. Paralelamente, a importação de matérias-primas, também, vem diminuindo, embora não com índices tão assinalados. Esse tipo de importação que absorvia, em 1955, 24,6 milhões de dólares, passou aos 37,3 em 1956, caindo sucessivamente a 30,1 milhões, 20,9 e 17,8 milhões de dólares nos anos subsequentes.

O número de empresas que operam nesta indústria é que vem declinando de ano para ano. Das 660 empresas que funcionavam há dez anos, restavam 402 em 1961. Esse parque fabril empregava cerca de 13 mil operários, excluindo-se deste total, obviamente,